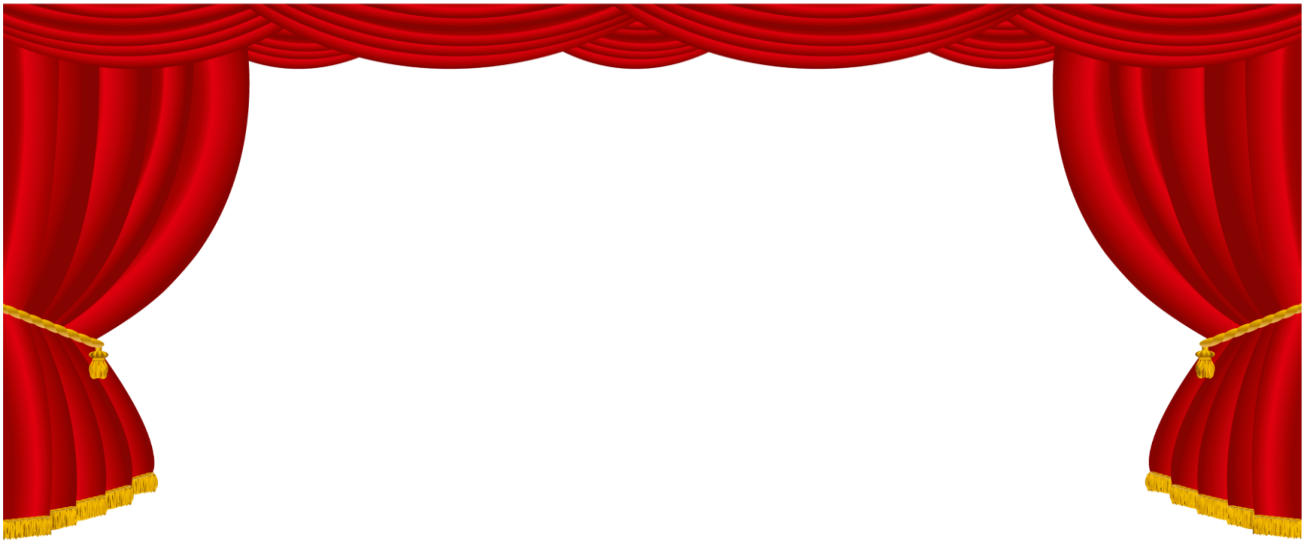


UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

MYRELLE FERREIRA RIBEIRO



TEATRO ARTHUR AZEVEDO:
OS IMPACTOS ESTRUTURAIS DECORRENTES AS MANUTENÇÕES TÉCNICAS
NO DECORRER DE SEUS 205 ANOS

São Luís
2022

MYRELLE FERREIRA RIBEIRO

**TEATRO ARTHUR AZEVEDO:
OS IMPACTOS ESTRUTURAIS DECORRENTES AS MANUTENÇÕES TÉCNICAS
NO DECORRER DE SEUS 205 ANOS**

Artigo Científico apresentado como trabalho de conclusão de Curso de Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Maranhão.

Orientador (a): Prof^a Dr^a MARIA JOSÉ LISBOA SILVA

São Luís

2022

**TEATRO ARTHUR AZEVEDO:
OS IMPACTOS ESTRUTURAIS DECORRENTES AS MANUTENÇÕES TÉCNICAS
NO DECORRER DE SEUS 205 ANOS**

MYRELLE FERREIRA RIBEIRO¹

MARIA JOSÉ LISBOA SILVA²

RESUMO

Este presente artigo visa traçar em linhas gerais uma parte da história do Teatro Arthur Azevedo e as principais dificuldades de manutenção que foram surgindo no decorrer de seus 205 anos. É importante entender em que circunstâncias o Teatro da União, atual Teatro Arthur Azevedo, foi construído no século XIX, como era a economia do Maranhão nessa época e quem era o público-alvo desta casa de entretenimento. A metodologia utilizada foi do tipo documental e quanto aos métodos de análise qualitativa dos dados para o estudo, tenho como principal fonte de dados, minhas observações e impressões acerca desta historicidade e as principais técnicas de pesquisa foram as fontes primárias e fontes secundárias. A pesquisa foi baseada em autores como: José Jansen, Maria de Lourdes Lacroix, Cesar Augusto Marques, Jerônimo Viveiros, entre outros. Sendo assim, no decorrer do artigo é possível evidenciar os motivos que fizeram o teatro fechar inúmeras vezes ao longo de dois séculos e quais as consequência geradas para a sociedade ludovicense.

Palavras-chave: Teatro. São Luís. Fundadores. Dificuldades. Artistas.

ABSTRACT

¹ Graduanda em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA

² Maria José Lisboa Silva, orientadora. Possui graduação em Licenciatura em Educação Artística (habilitação em Artes Cênicas) pela Universidade Federal do Maranhão- UFMA (1996), Mestrado em Artes Visuais pela Universidade Estadual Paulista (1999) e Doutorado em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras- FLUL, Lisboa/PT em 2018. Atualmente é professora Adjunta III da Universidade Federal do Maranhão do Curso de Licenciatura em Teatro do Departamento de Artes Cênicas. Tem experiência na área de Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: teatro em comunidades, teatro e escola e teatro de grupo. É membro do Núcleo Docente Estruturante – NDE; coordenadora do Grupo de Estudos LABORITEC; membro do Grupo de estudos Cena Corpo e Coordenadora Pedagógica do Arte na Escola (Pólo UFMA). É fundadora e atriz do Grupo Grita (1975/atualmente).

The main objective of this article is to address the main maintenance difficulties that have arisen over its 205 years. It is important to understand under what circumstances the “Teatro da União”, today Teatro Arthur Azevedo, was built in the 19th century, what the economy of Maranhão was like at that time and who was the target audience of this entertainment venue. The methodology used was bibliographic, through books, theses, articles and newspapers that address the theme or similarity with the proposed objective. The research was based on authors such as: José Jansen, Maria de Lourdes Lacroix, Cesar Augusto Marques, Jerônimo Viveiros and others. Thus, throughout the article it is possible to highlight the reasons that made the theater close countless times over two centuries and what consequences it generated for the Ludovicense society.

Keywords: Theater. São Luís. Founders. Difficulties. Artists.

INTRODUÇÃO

Este presente artigo visa traçar em linhas gerais uma parte da história do Teatro Arthur Azevedo, e as principais dificuldades de manutenção que foram surgindo no decorrer de seus 205 anos.

A motivação para a escrita do artigo foi a partir das vivências que tive dentro do Teatro Arthur Azevedo, como estagiária em 2021. Tinha em mente que queria me aprofundar ainda mais na história do Teatro Maranhense desde que entrei na Universidade Federal do Maranhão –UFMA, no Curso de Licenciatura em Teatro, no ano de 2017. Depois de dois meses de estágio começaram as primeiras indagações acerca da estrutura do prédio e as suas manutenções, haja vista que o teatro é uma construção bicentenária e exige uma conservação e cuidados rigorosos. Então, comecei a buscar textos e autores que contassem sobre sua história e o encantamento por essa temática cresceu muito mais.

Contudo, é importante entender em que circunstâncias o Teatro da União, atual Teatro Arthur Azevedo, foi construído no século XIX, como era a economia do Maranhão nessa época e quem era o público-alvo desta casa de entretenimento.

O presente estudo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Teatro, na Universidade Federal do Maranhão em 2022, é uma investigação qualitativa do tipo documental. Para o estudo tenho como principal fonte de dados, minhas observações e impressões acerca desta historicidade e as principais técnicas de pesquisa foram as fontes primárias, como livros, artigos empíricos, documentos oficiais de instituições governamentais e as fontes secundárias, como folhetos, cartaz, sinopse e clipping.

O **primeiro capítulo**, vem abordando historicamente sobre a fundação de São Luís, contextualizando desde a chegada dos franceses, a sua mitológica fundação até o período do comércio no Maranhão em meados do século XVIII e XIX, e a valorização e construção da sua urbe.

Dando seguimento, o **segundo capítulo** nos apresenta um parâmetro da sociedade ludovicense na busca de entretenimento na cidade de São Luís, o que leva a construção do seu primeiro teatro de ópera, inspirado nos grandes teatros europeus,

relatando a reação da Igreja Católica ao saber de sua fundação e as represálias sofridas pelo descontentamento. No mesmo contexto, conhecemos os idealizadores da primeira casa de espetáculos da província do Maranhão, sendo eles: Eleutério Lopes Varella e Estevão Gonçalves Braga, ambos comerciantes portugueses. Ainda neste capítulo é abordado a primeira pausa que o então Teatro da União se acomete, como isso influenciou a sua primeira reforma e em seguida, a mudança do seu nome para Teatro Nacional São Luiz.

O **terceiro capítulo** expõe a mudança novamente do nome do teatro, passando a levar o nome do famoso teatrólogo e jornalista Arthur Azevedo, trazendo detalhes da maior reforma feita no século XX em suas instalações e o que contribuiu para que as atividades fossem suspensas duas vezes no século XXI.

Nas **Considerações Gerais** chego a aventar de que os gestores da direção do TAA devem ser mais pontuais na questão das vistorias e fiscalizações da estrutura no teatro para que ele se mantenha aberto e como isso pode cooperar para que o estado do Maranhão cresça ainda mais em questão econômica, cultural e principalmente artística.

Deste modo, a pesquisa tem como objetivo apontar os motivos que influenciaram as suspensões de espetáculos no teatro ao longo destes dois séculos e quais foram as providências perante essas situações, para assim evitar futuros danos ao patrimônio. É necessário ressaltar o papel primordial da classe artística na defesa desse patrimônio durante todo seu tempo de existência. A partir do momento que o teatro deixa de ser privado e elitizado e passa a ser de domínio público, o zelo pelo espaço torna-se compartilhado no cenário atual, em que a cultura é totalmente desvalorizada pelos órgãos públicos.

1. A CAPITAL DE SÃO LUÍS (MA) – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A cidade de São Luís fica localizada ao norte do Maranhão que antes de sua colonização foi uma aldeia aborígine chamada Upaon-Açu³, de início descoberta por portugueses e espanhóis através de uma expedição a mando da coroa portuguesa para explorar o litoral brasileiro entre os séculos XVI e XVII. Conforme Cardoso (2011) evidencia, a chamada União Ibérica, que ocorreu após a crise dinástica iniciada com a morte do rei D. Sebastião, de Portugal, na famosa batalha Alcácer-Quibir. Portugal e Espanha deram um novo sentido à Monarquia Católica, controlando além das possessões europeias, grandes áreas ultramarinas da América, África e Ásia.

Por está ao Norte do Nordeste, o Maranhão chamava atenção por sua proximidade com a Europa em termos logísticos, facilitando assim o deslocamento marítimo entre os países, principalmente o litoral maranhense, porém toda navegação que tentava chegar se encontrava com o fracasso por conta dos naufrágios e os confrontos com os donos das terras, os indígenas, que segundo BOTELHO (2018), nos afirma:

Os constantes fracassos, em relação à conquista, deveram-se, principalmente, à existência de obstáculos naturais, ao longo da costa, praticamente desconhecidos dos navegantes. Além dos poucos conhecimentos náuticos e da geografia da região, adiciona-se a isso a presença dos índios, que defendiam o território. (BOTELHO, 2018, p.49)

O Maranhão era o desejo de conquista dos lusos-espanhóis, assim como dos franceses, uma vez que a França já havia se instaurado no território sulamericano.

Uma expedição francesa sob o comando de Daniel de La Touche foi ordenada pelo rei Henrique IV, depois de muito se ouvir falar das terras maranhenses, através de outros comandantes que faziam reconhecimento do litoral norte brasileiro que ainda não havia sido colonizada pelos portugueses, já sabendo do seu grande potencial geopolítico e econômico.

³ O autor, Claude Abbeville (1975) assinala que a ilha era denominada *Upaon-Açu* pelos aborígenes, esse vocabulário foi traduzido como *Ilha Grande do Maranhão*.

Lá eles fundaram um forte com a estrutura de pau a pique, onde sua localização funcionaria de forma estratégica, pois ficava entre dois rios (Anil e Bacanga) de frente ao litoral da ilha, fazendo com que tivessem uma visão panorâmica do mar. ABBEVILLE cita ainda:

Escolheram uma bela praça, muito indicada para esse fim por se achar numa alta montanha e na ponta de um rochedo inacessível e mais elevado do que todos os outros e donde se descortina o terreno a perder de vista, assim entrincheirado, formando um baluarte ao lado da terra firme, é incontestável e tanto mais forte quanto cercado quase por completo por dois rios muito profundos e largos que desembocam no mar ao pé do dito rochedo. (ABBENVILLE, 1975, pp.57-58)

A estadia dos franceses durou apenas três anos e se findou com a chegada dos portugueses para reivindicar suas terras antes descobertas por eles, uma batalha que ficou bastante conhecida como Batalha de Guaxenduba, onde os portugueses ganharam de forma “milagrosa” essa jornada, visto que os franceses estavam em maioria, pois eles contavam com a ajuda dos indígenas tapuias. E assim os “invasores” foram banidos do Maranhão. LACROIX , reforça que:

A reação lusitana se concretizou com a chegada da Jornada do Maranhão, em 26 de outubro de 1614. Depois de pequenas escaramuças, os franceses foram vencidos na batalha de Guaxenduba, em incrível derrota, a 19 de novembro do mesmo ano. As facções deixaram a decisão final às Coroas, mandando emissários à França e Portugal. Por ordem do Rei ibérico, Alexandre de Moura efetivou a retirada definitiva dos gauleses, em novembro de 1615. (LACROIX, 2020, p.20)

A fundação de São Luís vem acompanhada de muitas controvérsias, uma delas é que se de fato a cidade tenha sido fundada por franceses, segundo os questionamentos da autora LACROIX (2020)⁴, como: O que deveria ser levado em conta quando falamos sobre fundação de uma cidade? A chegada dos primeiros colonos? O primeiro forte militar ou a primeira vila de moradores? LACROIX afirma, ainda: “A fundação de uma cidade não se resume à celebração de uma missa, procissão, *Te Deum Laudamus*, sermão e benção da cruz” (LACROIX, 2020, p.38)⁵. Diante disso,

⁴ Profa. Dra. Maria de Lourdes Lauande Lacroix, graduada em licenciatura em Filosofia e História.

⁵ LACROIX op. cit., p.38

considerando que para um lugar ter o título de Vila, era orquestrado pelos padres capuchinhos uma missa, no entanto, este fato não foi suficiente para os franceses se instaurarem enquanto colonizadores, afirma Lacroix.

Depois que os franceses foram finalmente expulsos pelos portugueses, no lugar onde fora construído o pequeno forte de palhoça pelos gauleses, intitulado Forte São Luís, após um tempo foi renomeado de fortaleza de São Felipe. Foram muitas as estratégias para que São Luís fosse povoada por oriundos de Portugal e, por isso, a cidade deixou de ser apenas acumulados de quartéis, segundo VIVEIROS.

A sua chegada à frente de cerca de 400 pessoas transformou a vida de São Luís, que deixou de ser um simples quartel de tropa, defensor do domínio de uma nação, para tornar-se uma povoação de colonos, cuja vida civil e econômica precisava ser organizada. (VIVEIROS, 1954, p.15)

São Luís então começou a ter seus primeiros segmentos industriais com ocupação lusitana em terras maranhenses através de exploração agrícola, já que seu processo de conquista foi tardio, tendo um atraso de quase cem anos, desde a ocupação portuguesa em território brasileiro.

Entre o final do século XVIII e começo do século XIX houve então a expansão do cultivo de algodão no Maranhão, fazendo com que a economia aumentasse, e com isso a valorização do comércio da região, esse era o foco da Companhia Geral do Grão-Pará. O grande interesse da Companhia era promover a cultura do algodão para exportação e para consumo interno e gerando consideráveis resultados. A expansão das atividades comerciais correspondeu ao maior fluxo de pessoas e diversificação de atividades na cidade.

Com o crescimento da cidade e a dinâmica nos negócios, ocasionou o aumento do número de imóveis construídos, principalmente por grandes fazendeiros, que viram na edificação de sobrados possibilidade de investimento lucrativo e a valorização da urbe. Lugares de socialização foram sendo projetados, espaços de apreciação das manifestações populares foram tomando conta da cultura local.

A sensação de modernizar a cidade foi se intensificando, os filhos da elite que saíam de terras maranhenses para estudar na Europa, voltavam de lá com desejos de

frequentar ambientes mais sofisticados. E nada melhor do que a construção de uma casa de espetáculos - um teatro. Naquele período já haviam sido construídos três outros teatros, um em frente ao Palácio dos Leões, o segundo em frente ao quartel da polícia, onde hoje funciona a Biblioteca Benedito Leite, e o terceiro se situava na praça das Hortaliças, onde funciona o Mercado Central, porém nenhum com o tamanho e requinte, assim como os teatros de ópera da Europa, onde as pessoas da alta sociedade pudessem desfilarem seus trajes luxuosos e de poder.

2. O TEATRO DA UNIÃO: FUNDAÇÃO NO SÉCULO XIX

O cenário cultural na cidade de São Luís foi fomentado, ainda mais, por conta das riquezas geradas no período da ascensão do algodão. A província contava com aproximadamente 12 mil habitantes. LACROIX (2020) relata que São Luís não possuía casa de teatro até a segunda década do século XIX. Henry Koster⁶, de passagem em 1811, observou o confinamento das famílias ricas em suas casas e justificou o amor pelo jogo de cartas, pela falta de divertimentos para a elite.

O Teatro da União foi fundado em 1815, por dois comerciantes portugueses que moravam em São Luís nesse período, foram eles: Eleutério Lopes Varella e Estevão Gonçalves Braga. Varella teve iniciativa com seus próprios recursos buscando erguer um espaço voltado para as artes cênicas, visando trazer um entretenimento diferenciado para a cidade, que segundo LACROIX, seria para:

[...] amenizar o duro cotidiano, os recém-chegados portugueses promoveram momentos ou locais compensadores. Um lusitano, vindo de Lisboa em 1815, “por ser muito amante da arte dramática” pensou em erguer um teatro regular em São Luís. Associado a outro conterrâneo, tentaram aforar um terreno próximo ao Convento de Nossa Senhora do Carmo. O governador sugeriu não só um teatro, como também um salão de bailes e festas e um clube de letras, tão necessário ao núcleo social [...] (LACROIX, 2012, p.317)

Para JANSEN (1974), em 1815 quando se iniciou a construção do teatro, São Luís necessitava de espaços voltados para abrigar diferentes formas de entretenimento.

⁶ Cronista luso-brasileiro

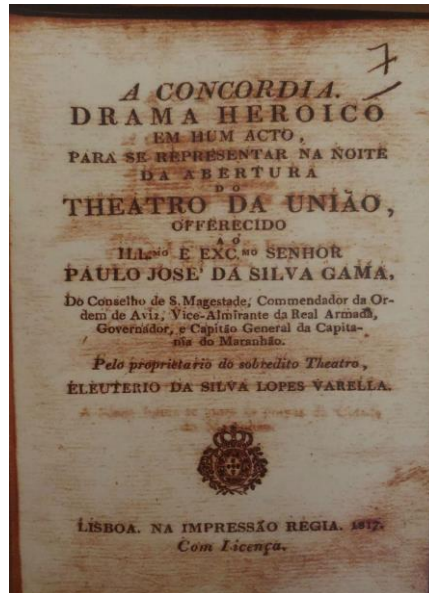
Contudo, a iniciativa de Varella e Braga despertara a ira de padres ligados à ordem Carmelita, já que o projeto inicial da casa de espetáculos teria a frente voltada para o Largo do Carmo, sendo que o terreno ladeava o da Igreja Nossa Senhora do Carmo.

Portanto, isso ocasionou desconforto nos religiosos da época, já que eles consideravam suas atividades profanas demais ao ponto de acharem que afetaria de alguma forma os valores cristãos. A retaliação por parte da igreja foi tanta que para a construção ser executada, houveram condições e algumas delas desfavoreciam a fachada do teatro, por exemplo, a ventilação interna e a entrada que ficaria em uma rua mais estreita e de pouca visualização, conforme livro dos 200 anos do TAA (2017):

O episódio gerou intensa disputas entre os interessados na construção do teatro e os religiosos, sendo eleito um representante legal para arbitrar a polêmica. Foi incumbido de tal missão, o padre José Antônio Ferreira Tesinho, que resolveu aprovar a realização do projeto, com restrições, sugerindo a readaptação da fachada do edifício com frente voltada para a Rua do Sol, ainda que tal determinação comprometesse o projeto original, no que diz respeito a ventilação. (TEATRO ARTHUR AZEVEDO: 200 anos, 2017. p. 28)

A construção do teatro teve a duração de dois anos, com término em 1817, porém segundo JANSEN (1974), em 1816, fez sua primeira abertura, mesmo em processo de conclusão foi realizada uma cerimônia de comemoração à independência de Portugal. Quando o teatro já estava pronto para ser inaugurado, ele ganhou o nome de Teatro da União⁷, que simbolizava a união entre Brasil e Portugal. A estrutura do teatro foi erguida com estilo neoclássico, que aliás, foi a construção pioneira do gênero no Brasil, transparecendo modernidade e sofisticação. O Teatro da União assim que ficou pronto fez sua inauguração com a peça *A Concórdia*, da Companhia Dramática de Lisboa, em uma representação solene de inauguração.

⁷ Conhecido por muitos historiadores como apenas Teatro União, como por exemplo indica no livro *Teatro no Maranhão*, do autor José Jansen, 1974. Mas é possível ver no cartaz da época o nome original do teatro como Theatro da União.



Panfletto referente à inauguração do Theatro da União.

Foto retirada do livro de 200 anos do Teatro Arthur Azevedo (2017).

Como já era de se esperar, o Teatro da União chamou atenção da elite na época. Naquela altura todos já queriam prestigiar tudo que aconteceria dentro da sala de espetáculos, que não se limitava apenas às apresentações de peças teatrais. Mesmo o teatro já dispendo de cadeiras, ainda sim, tinham pessoas que levavam as suas de casa, e como existiam negros escravizados, os mesmo as levavam mais cedo para os seus senhores e assim colocá-las no setor desejado, na maioria das vezes nos camarotes⁸.

De acordo com JANSEN (1974), eram 66 camarotes, em três ordens e uma tribuna ao centro; mais uma quarta ordem de torrinhas com um avarandado no centro, e uma plateia, comportando 430 pessoas, divididas em duas partes, a superior acomodando 130 pessoas e a geral para 300 espectadores. Na parte interna, a caixa do teatro media 55 palmos de largura, 100 de fundo e 38 de altura, ficando no fundo os camarins para os artistas.

No ano de 1841, foi fundada uma companhia por um grupo de curiosos sem muita vocação para as artes, intitulada de *Sociedade Dramática Maranhense*, onde abrangia um público jovem, os quais se fixaram no Teatro da União animando o

⁸ Camarote era o lugar situado no primeiro andar do teatro, onde as famílias mais ricas ficavam, era o local de maior visibilidade na época e por isso era considerado um espaço para obter ainda mais status.

convívio social ludovicense. Essa mesma companhia firmou residência no teatro, alugou e cedeu espaço a artistas visitantes, que:

Numa só noite apresentavam drama, comédia séria ou brejeira, acompanhadas ou não de música, números de variedades, lances dramáticos, numa miscelânea lírico--dramática para um público eclético. A música atuava como elemento suavizante e explicava atenção à predileção pelos diversos gêneros, conjuntamente (LACROIX, 2020, p.319).

2.1 Fundadores do Teatro da União

Estevão Braga e Eleutério Varella, eram comerciantes portugueses que moravam em São Luís, além de serem amigos, resolveram ficar sócios, para assim começar o projeto de construir o teatro, com o objetivo de transformá-lo em uma casa de abrigos para artistas locais e internacionais, o local também serviria para fazer as reuniões políticas e econômicas. Assim que o teatro foi erguido e inaugurado, algumas loterias⁹ passaram a funcionar também dentro do teatro. (JANSEN, 1974, p.24) adverte: “Muito cedo, o espírito político começou tentando desvirtuar a finalidade daquela casa destinada a espetáculo de natureza lúdica”.

Apesar de terem feito uma abertura para o teatro muito aclamada, logo após uma apresentação a favor de um general da época¹⁰, onde foram escutados hinos e acompanhado de cantarias, ocorreu uma parada no meio artístico, fazendo com que o teatro ficasse inativo.

Alguns conflitos surgiram entre a década de 20 e 40 do século XIX, no cenário político ludovicense, movimentos que começaram com a Setembrada¹¹ e terminaram com a Balaiada¹². Esses grupos foram organizados, e iniciou-se uma rebelião e as caçadas aos portugueses, principalmente, os comerciantes e donos de fazendas. O antilusitanismo cresce motivado pela adesão do Maranhão à Independência, pois os portugueses continuaram a desfrutar de cargos altos. O professor João Botelho

⁹ Loterias no século XIX funcionavam com jogo de azar, boa parte do dinheiro resgatado servia para ajudar nas construções de prédios e aumentar os cofres públicos. No caso do teatro, a loteria ajudaria a financiar os custos das companhias que se apresentariam no teatro.

¹⁰ General Bernado de Silveira da Fonseca, governou o Maranhão entre 1819 a 1822.

¹¹ Foi uma revolta ocorrida durante o governo provincial no Maranhão e o nome faz referência ao mês em que se iniciou esse movimento anti-lusitano no estado.

¹² Balaiada também era conhecida como Guerra dos Bem-te-Vis, foi um movimento popular e social, iniciada por negros e pobres, em busca de melhores condições de vida.

retrata que no início, a Setembrada assumiu um caráter de rebelião urbana, que eclodiu no interior do quartel de milícia, no centro de São Luís no Campo de Ourique¹³: envolveu uma luta entre brasileiros e portugueses, e contou com ampla participação popular, a princípio na capital, onde confrontos e até saques espalharam-se pela cidade (BOTELHO, 2018, p.160)

Estevão Braga, sócio do teatro, neste período de agitações políticas, teve sua casa arrombada e acabou sendo executado por conta de seus pensamentos antipatriotismo, julgado por líderes liberais que estavam à frente das rebeliões. Além dele, o Pe. Tezinho, que foi o intermediário do acordo entre a Igreja e os sócios do teatro para construção do mesmo, teve seus bens confiscados, como sua drogaria que ficava ao lado da praça João Lisboa; além de:

Os que moravam em São Luís sofreram pressões físicas e morais, principalmente os comerciantes e os que ocupavam os mais altos cargos públicos. Alguns fugiram, outros foram agredidos e até assassinados e tantos outros expulsos ou tiveram seus bens confiscados sem nenhuma explicação. As lojas saqueadas e incendiadas eram de propriedade dos portugueses. (CASTRO, 2013, p.22)

Eleutério Varella acabou falecendo no período em que o teatro se encontrava em crise econômica, e por isso toda receita que entrava nos cofres do teatro automaticamente eram destinados à Província por conta dos débitos gerados à Receita Federal.

2.2 Teatro Nacional São Luiz: símbolo de prosperidade

Após esse período conturbado para as artes em São Luís, a elite buscou novamente distração na casa de espetáculo para tentar apagar esses dias difíceis causados por esses conflitos políticos. Com o tempo o teatro começou a ficar sem as devidas manutenções e aos poucos foi se desgastando, já não se viam tantas pessoas indo ao teatro e ainda teve um episódio em que a Companhia Cavalinhos e Feras levou ao palco alguns animais, que fez com que o pequeno público ficasse horrorizado, afirmando JANSSEN:

¹³ Hoje é conhecido como Praça Deodoro

“causando, como era de se esperar, sensíveis estragos no recinto, dando origem a que se providenciasse uma regulamentação, proibindo espetáculos daquele gênero” (JANSEN, 1974, p. 44). Tal episódio fez com que fosse criado um regimento para que outras apresentações como essa não voltassem a se apresentar novamente no teatro.

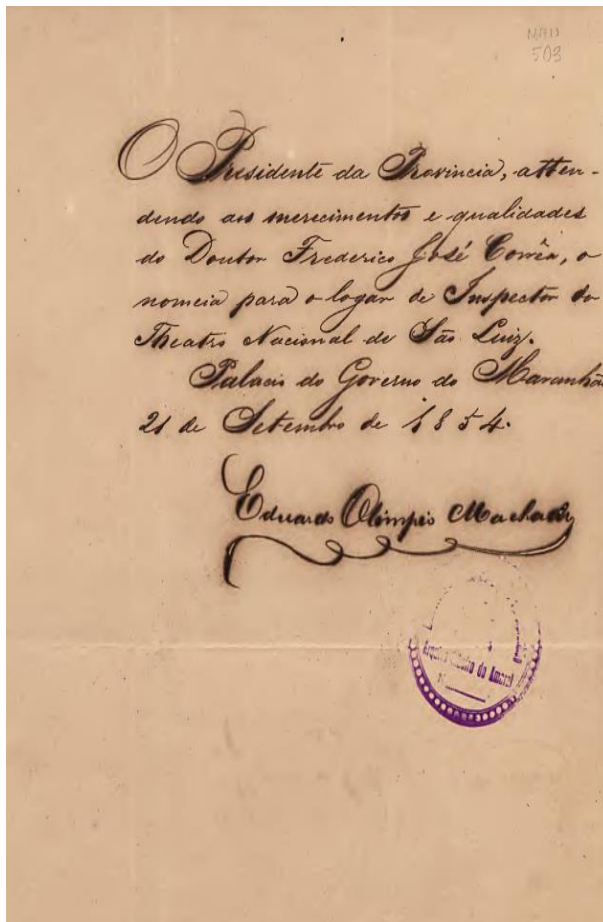
Depois de sucessivas apresentações no Teatro da União, entre 1847 e 1848, o edifício teatral já se encontrava em péssimas condições. O teatro então teve que cessar suas atividades por um tempo para reparos por uso indevido de suas instalações. Durante essa pausa, a alta sociedade não ficou sem seu passatempo e divertimento favorito, algumas apresentações teatrais continuavam acontecendo em teatrinhos particulares improvisados em salões de casas burguesas.

Neste período o teatro já pertencia parcialmente a Fazenda Nacional e, já que Eleuterio Varella, um dos fundadores, havia falecido, o governo então propôs aos herdeiros que lhe fosse comprada a parte que eles haviam herdado, que foi vendida de imediato. Portanto, o Governo da Província do Maranhão veio a fazer uma grande reforma no Teatro da União, que foi desde sua estrutura interna à externa, o deixando ainda mais pomposo que:

Depois da aquisição, o Teatro União passou por sua primeira reforma, estando à frente do projeto arquitetônico um arquiteto que atendia pela alcunha de Albuquerque. Em 1852, o teatro fora reinaugurado com uma nova denominação, passando a se chamar Theatro São Luiz. (TEATRO ARTHUR AZEVEDO: 200 anos, 2017, p.36)

A mudança do nome do teatro foi desaprovado por algumas pessoas, como João Francisco Lisboa, que foi jornalista, político e ocupante da 18ª cadeira na Academia de Letras, chegou a fazer uma declaração no Jornal Publicador Maranhense, sobre seu descontentamento acerca do novo nome e também da forma que teria ficado o teatro depois da reforma. Porém, para alguns estudiosos, o descontentamento de Lisboa se daria por conta de suas raízes com Portugal, mesmo que o Maranhão já tivesse aderido à Independência. O teatro ficou conhecido pela população ludovicense da época e por muitos

historiadores pelo nome de Teatro São Luiz, todavia existe um manuscrito assinado pelo governador da Província do Maranhão, Eduardo Olímpio Machado, e um regulamento do teatro publicado no ano de 1854 pelo Jornal Publicador Maranhense, que podemos observar o nome verdadeiro - Theatro Nacional de São Luiz.



O Presidente da Província, attendendo aos merecimentos e qualidades do Doutor Frederico José Corrêa, o nomeia para o lugar de Inspector do Theatro Nacional de São Luiz. Palácio do Governo do Maranhão. 21 de Setembro de 1854. Eduardo Olímpio Machado.

Imagem do manuscrito retirada do acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite: http://casas.cultura.ma.gov.br/porta1/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20151104144017.pdf

REGULAMENTO.

TITULO 1.

Do edificio e objecto do theatro.

Art. 1. O edificio construido na rua do Sol, incorporado nos proprios, provinciaes pelo art. 41 da Lei de 28 de Outubro de 1848, e destinado á servir de theatro de declamação em lingua nacional, conservará a denominação, que já tem, de—theatro nacional de São Luiz.—

Art. 2. Tem por objecto o theatro nacional de São Luiz—promover o aperfeiçoamento da arte dramatica, quer pelo trabalho de artistas de reconhecido merecimento, quer pela escolha e representação de peças nacionaes ou estrangeiras, cuja acção, linguagem e moralidade possam servir de lição e illustrar o publico desta cidade.

Art. 3. São permittidos no theatro nacional de São Luiz os seguintes generos:—

§ 1. A tragedia.

§ 2. A comedia de character e costumes, e a comedia ligeira de um até cinco actos.

§ 3. O drama historico; o drama de paixão; e o drama da actualidade.

§ 4. Operas lyricas cantadas, quer na lingua nacional, quer em qualquer outra estrangeira.

§ 5. Peças avulsas destas mesmas operas.

§ 6. Danças completas com mimica e bailados nacionaes.

Imagem de parte do regulamento retirado do Jornal Publicador Maranhense.

Assim que o teatro foi reaberto, agora sob o comando de Germano Francisco de Oliveira, foi organizado por ele várias noites de bailes de Máscaras, entre 1853 a 1855, como mostra no jornal da época (transcrição original na íntegra).

THEATRO NACIONAL S. LUIZ
SABBADO 28 DE JULHO DE 1855
Ultimo e grande baile mascarado.

As 8^{1/2} horas a excellente banda de muzica dos artifices educandos, dirigida pelo seu habil professor o Sr. Sergio, Marinho tocará a linda simphonia da opera- FRA DIAVOLO-; 1/3 de hora depois de concluida começará o BAILE, que seguirá a ordem do costume. As contradanças, walsas, shottichs, polks & são novamente te ensaiadas e de escolha do professor Marinho. Nesta noite, e pela primeira vez o grande salão do BAILE será brilhantemente illuminado de CHINESA, por uma série de lampadas deste lindo gosto, o que muito concorrerá para dar maior realce e elegancia a este divertimento, do qual os maranhenses se tem mostrado tão apaixonados. A 1 hora da noite um grande GALOPE fechará o divertimento.

Entradas.

Camarotes	com	4	entradas.....	4\$000
Mais	por	cada	entradas.....	1\$000
Entradas	tanto	para	mascaras	co
mo	para	sem	mascaras1\$000
Torrinhas	com	5	entradas.....	2\$000
Varandas.....				\$400

(Jornal O Publicador Maranhense, 1855, p. 4)

Depois que Germano se despede da direção, um novo empresário assume o teatro, o cantor lírico José Maria Ramonda, onde conseguia chamar atenção de um público considerável para a casa de espetáculos. Quando o contrato de Ramonda acaba, logo o governo da província contrata um outro empresário para o teatro. O próximo a estar à frente da direção do Teatro Nacional S. Luiz, foi José Marinangeli, em 1858, porém um ano depois seu contrato foi rompido com o governo, pois a estrutura do teatro estava em estado precário e precisando de reformas emergenciais. Neste contexto, o teatro mais uma vez se vê de portas fechadas.

A urgência para a reabertura da casa era imensa, afinal aquele era o único lugar que curava a apatia da elite. Então, nesse momento, o empresário Germano assina contrato novamente com o Governo da Província. LACROIX declara que em 1861, a imprensa insistiu junto ao governo provincial sobre o mau estado do teatro, com a paliativa resposta de vistorias, sugestões e orçamento de setenta contos de réis (moeda da época) feitos por uma comissão. Sem dinheiro disponível, a casa de espetáculos continuou fechada. Um empresário apresentou novo orçamento de trinta contos de réis e se responsabilizou pela obra. A reforma foi concluída com maior número de lugares e acrescentada uma casa para moradia de artistas itinerantes.

Então em 1890 abrem as vendas para dez espetáculos da Companhia Lírica e tal notícia foi recebida com bastante entusiasmo pela população. Como a temporada de Óperas na cidade estava elevada, foi criada uma Associação Lírica para que pudesse buscar e contratar ainda mais companhias nesse gênero, completas e inovadoras.

O Teatro Nacional de São Luiz também foi palco para cinema em meados de 1898 a 1902. Ambulantes vinham da Europa com aparelhos cinematográficos que faziam projeções onde ampliavam imagens com ruídos e sons. Como já é de se imaginar, a alta sociedade recebeu a nova atração na cidade com muito entusiasmo. O Bioscópio Inglês¹⁴ foi trazido pelo italiano José Felippi¹⁵, e se estabeleceu no Teatro São Luiz. Um dos fatores principais para a escolha do local, onde o cinema ia se instalar, foi porque o espaço era um lugar bem visto e bem frequentado pela elite, além de que naquele tempo o teatro era símbolo de sucesso e modernidade.

¹⁴ Aparelho cinematográfico.

¹⁵ Projetista pioneiro no cinema no Maranhão.

3. TEATRO ARTHUR AZEVEDO - TAA

No século XX, na década de 20, o Teatro Nacional de São Luiz recebeu o nome do grande crítico e teatrólogo Arthur Azevedo, logo após o teatro ter completado 100 anos de existência, não havendo nenhuma resistência com a troca do nome da casa de espetáculo, já que Arthur Azevedo tinha contribuído bastante para o cenário teatral nacional. Contudo, ousou dizer que o nome poderia ter sido repensado já que o teatro maranhense do século anterior, dispunha de vários outros nomes com relevância para a classe teatral maranhense, tal como Apolônia Pinto¹⁶. Porém sabemos como funcionava ainda a política no século XX, a sociedade era machista e claramente era impulsionada por preceitos patriarcais. Não tirando o mérito dos feitos e reconhecimento do Arthur Azevedo, mas Apolônia tem tamanha importância no cenário nacional e internacional como produtora, diretora e atriz.

No período da década de 50, o teatro passou por algumas crises econômicas e chegou a ser transformado em cinema, com pouquíssimas apresentações teatrais por mês, fazendo com que várias companhias procurassem outros locais para produzir e montar suas apresentações. Com o tempo o teatro acabou perdendo suas características estéticas do tempo em que foi construído e aos poucos, sem manutenções necessárias, veio a ficar em situações precárias onde LEITE afirma: “O palco do Teatro Arthur Azevedo era tão ruim que um dia uma bailarina, durante uma apresentação de CAN-CAN, enfiou a perna na tábua até a coxa”¹⁷ (LEITE, 2007, p.170). E só na década de 60, tendo como governador estadual do Maranhão, José Sarney, foi cancelado o contrato com a indústria cinematográfica que trouxe malefícios à estrutura interna da casa de teatro e ainda LEITE nos informa:

¹⁶ Apolônia Pinto nasceu em 21 de junho de 1954, dentro do Teatro São Luiz (hoje Arthur Azevedo), sua mãe Adelaide Marchety Pinto, estava se apresentando no palco, quando sentiu contrações e deu a luz a pequena Apolônia no camarim número um do teatro. Como se realmente estivesse predestinada ao mundo teatral, Apolônia aos doze anos se apresentou no teatro São Luiz pela primeira vez e desde então não parou mais. Aos dezesseis anos se apresentou para a corte portuguesa no Rio de Janeiro, onde foi ovacionada, fez várias turnês pela América do Sul e pela Europa, a registros em que mostra a atriz se apresentando com 76 anos, ela viveu verdadeiramente para o teatro até sua partida aos 83 anos, no Retiro dos Artistas no Rio, onde viveu sua aposentadoria até sua morte, em 1937.

¹⁷ Reynaldo Faray em entrevista para o livro Memória do Teatro Maranhense (LEITE, 2007, p.170)

José toma posse em 1966. O Estado e, sobretudo, a capital experimentam um surto desenvolvimentista em todos os setores da sociedade e órgãos são criados para atender às novas metas expansionistas. Dentro dessa visão, cria-se um Departamento de Cultura, ligado à Secretaria de Educação, objetivando dar suporte às manifestações culturais do Estado. O Teatro Arthur Azevedo, já agora de volta ao poder público, é incorporado a este Departamento, a exemplo da Biblioteca Pública Benedito Leite. O TAA, passa a ser dirigido por Gerd Puflueger, que procura dinamizar a sua administração com uma série de eventos teatrais. (LEITE, 2007, p.56)

Tempos depois, em 1991, no governo de Edison Lobão, deu-se início a uma grande reforma estrutural que viria radicalizar com tudo que já havia sido feito no teatro em termo de restauração, respeitando as características originais e reconstruindo as que foram perdidas no processo de arrendamento do teatro. A ventilação, que tanto foi motivo de reclamações desde a edificação do teatro, foi incorporada ao espaço como um sistema de ar-condicionado. As madeiras do palco que antes eram motivos de acidentes, foi trocado e teve seu tamanho ampliado em 50% a mais que o tamanho original, assim como o sistema de iluminação, dando ainda mais versatilidade para as salas do TAA .

O sistema de sonorização teve seu *update*¹⁸, fazendo com que a acústica melhorasse 100%, isso fez com que o teatro anos depois fosse considerado umas das melhores acústicas do Brasil. O espaço da plateia onde ficava cadeiras de palhinhas, deram espaço a poltronas acolchoadas que seriam mais confortáveis para o público. O pavimento desde sua edificação era totalmente nivelado, com isso a visão acabava sendo prejudicada na proporção que se afastava do palco, com a reforma o chão da plateia passou a ter um declive (seria bem próximo do que vemos no cinema), tornando esse o melhor espaço para assistir os espetáculos. Toda estrutura interna e externa do teatro foi recuperada e com o projeto acabado, suas portas abriram-se novamente em 1993, com a reforma assinada pelo arquiteto Acácio Gil Borsoi e na Direção de Fernando Luís Bicudo, que já possuía uma vasta experiência como diretor do Teatro Amazonas¹⁹.

¹⁸ Atualização ou modernização

¹⁹ Teatro inaugurado em 1896, na cidade de Manaus.

Outros pontos muito importantes a serem levantados acerca da reforma, foi a compra de dois casarões que existiam ao lado do teatro, os mesmo dariam suporte às necessidades que o teatro tinha, visto que a casa de espetáculos não possuía uma área administrativa para tratar de pautas artísticas. O teatro também não possuía banheiros suficientes para atender as necessidades do público, por isso foi construído um anexo, onde supriria as necessidades dos espectadores. O anexo também daria acesso aos camarins, que foram devidamente equipados para receber os artistas. Nerine Lobão, diretora do teatro em 2004, menciona que o resultado da reforma promovida no governo Edison Lobão foi surpreendente, tudo ou até mais que produtores e artistas das áreas de teatro, dança e música podiam sonhar em ter numa capital tão isolada como São Luís. (TEATRO ARTHUR AZEVEDO: 200 anos, 2017, p.115)

3.1 O Teatro Arthur Azevedo (TAA): impactos das manutenções no século XXI

Depois que o teatro foi reformado em 1993, logo em seguida, em 1994, deixou de fazer parte do cronograma orçamentário da Secretaria de Cultura do Maranhão-SECMA, e isso fez com que o teatro sobrevivesse apenas de locação do espaço. Sete anos após sua reforma, por falta de recursos o TAA fecha e nova restauração é necessária. Fernando Bicudo é demitido, a Secretaria de Cultura do Estado passa a administrar novamente o TAA e uma nova diretora é nomeada – Nerine Lobão.

Nerine Lobão assim que chega ao teatro pode constatar um cenário aterrador, como afirma em suas palavras:

Foi um momento assustador! Não esperava encontrar um cenário tão aterrador. Na caixa cênica nenhum rompimento, nenhuma manobra... O palco era só um imenso buraco, madeirames removidos e os elevadores de palcos desmontados e espelhados sobre o que sobrou, as coxias. Olhando para o urdimento, nenhuma das dezenas de varas... Na boca de cena, a quarta parede, não havia nenhuma cortina à frente, olhando a plateia, era só um vão cinzento. E o carpete vermelho, as cortinas de veludo vinho, as poltronas, as cadeiras de palhinhas não se viam... movendo o olhar para o

alto, o centro do forro sobre a plateia, entrei em pânico! (TEATRO ARTHUR AZEVEDO: 200 ANOS, 2017, p. 116)

O teatro estava em péssimo estado, os cupins tomaram de conta de documentos, de cortinas e correspondências importantes para a memória da casa. Por ter uma estrutura antiga, não havendo nenhuma fiscalização referente à umidade e climatização do ambiente, quando fechado ele vira um forno, pois todo revestimento que existe no edifício impossibilita a entrada de ventilação natural. Para fazer a nova restauração do teatro foi preciso uma comissão artística com envolvimento de atores, dançarinos, produtores e músicos, para testemunhar a situação do TAA e assim fazer uma pressão aos órgãos públicos.

Em 2005 foi feito o orçamento de restauração, neste mesmo contexto temos os planejamentos de calendário cultural do TAA, incluindo atividades que englobaria artistas de vários segmentos e colocaria o público ainda mais presente dentro do teatro. A exemplo, da Semana de Teatro Maranhense - STM²⁰ e da Semana Maranhense de Dança - SMD²¹ continuam até hoje abrindo as portas do teatro para artistas locais e nacionais. Sempre visando a valorização das artes maranhenses, na busca de interações entre artistas e prepará-los profissionalmente.

Ainda com a preocupação de manter a casa ativa, foi criado também o projeto Núcleo Arte-Educação - NAE, que foi idealizado pela Secretária de Cultura em parceria com a Secretária de Educação, para assim formar novos artistas e contribuir ainda mais com a classe artística em São Luís. Era oferecido cursos de teatro, música e dança para alunos de escola pública que muitas vezes nunca tinham a oportunidade de colocar os pés no teatro antes. Após a conclusão da obra de restauração de 2005, não houve mais nenhuma tão exponencial, a ponto de fechar a casa de espetáculo por um longo tempo, houve reparos e alguns ajustes, afinal, é um prédio bicentenário.

²⁰Semana de Teatro Maranhense, evento que busca reunir a classe de atores e atrizes tanto maranhenses, quanto nacionais. Durante a semana são oferecidas oficinas na área de teatro e amostras de cenas curtas e espetáculos.

²¹ Semana Maranhense de Dança, evento que reúne dançarinos de todas as modalidades, segue a mesma linha da semana de teatro, com oficinas na área de dança, mostras competitivas que vão desde grupos a solistas.

3.2 O Teatro Arthur Azevedo (TAA) e a Pandemia do COVID- 19

O Teatro Arthur Azevedo estava funcionando a todo vapor desde sua grande reforma, várias companhias já haviam passado por lá, era o lugar mais desejado para servir de locação das produções para os artistas em São Luís, porém, ninguém imaginaria que uma pandemia por COVID19²² seria o motivo para o fechamento das portas mais uma vez do Teatro Arthur Azevedo, não quando os principais motivos para a suspensão das atividades do mesmo era de falência financeira ou deterioração do espaço.

No dia 17 de março de 2020, foi decretado *lockdown*²³, a pandemia afetou o mundo e todos os lugares paralisaram e mais uma vez o teatro fechou, conforme o enunciado no G1:

O Teatro Arthur Azevedo (TAA), situado em São Luís, suspendeu temporariamente os espetáculos e shows que estavam previstos para acontecerem nos próximos dias no espaço. A decisão respeita o Decreto Estadual Nº 35.660 de 16 de Março de 2020, que dispõe sobre os procedimentos e regras para fins de prevenção da transmissão do Coronavírus. (G1 MARANHÃO, jornal 2020)

Foram quase dois anos sem atividades no teatro e esses anos que se passaram sem nenhuma restauração, ficaram visíveis as consequências em suas estruturas. Era possível notar que o mofo tomou conta dos carpetes, as paredes de cores claras deram lugar a cores cinzas escuras de umidade, o ar-condicionado já não funcionava 100% e como já era de se esperar, sem atividades acontecendo, o espaço foi dando os sinais que precisava de reformas.

O TAA foi abrindo suas portas aos poucos no primeiro semestre de 2021. Primeiro começou a ser retomada às atividades de administração, onde foi buscando melhorias para a abertura completa do teatro. Em seguida, o retorno da equipe técnica, onde foram feitos ajustes no maquinário sobre o palco, nas instalações elétricas e nos ar-condicionados. Alguns eventos televisivos foram gravados no teatro, como o São João da TV

²² Doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2, com contágio através de pequenas partículas expelidas por quem está infectado.

²³ Confinamento onde as pessoas não podiam fazer parte de nenhuma interação pública, por conta do alto risco de contágio por COVID19.

MIRANTE, onde as brincadeiras da cultura maranhense se apresentavam, porém sem plateia e todos os envolvidos no evento respeitando as normas da Organização Mundial de Saúde - OMS.

Depois da volta das visitas na casa, onde a população local e turistas nacionais e internacionais puderam ter a experiência de conhecer o teatro, tais como: a história do teatro; a sala de espetáculo; o camarote oficial; as exposições; o palco e os bastidores. E só em 28 de agosto de 2021 que tem sua primeira apresentação com plateia, depois dessa longa pausa por conta da pandemia, com o espetáculo *Encantos do Maranhão*, do Estúdio Pulsar, onde retratou as belezas naturais, arquitetônicas e culturais do Maranhão, porém o teatro ainda estaria com capacidade reduzida para o público. Com a volta das atividades, o teatro começou a dar mais uma vez indícios de que precisaria passar por reformas, pois mesmo as paredes sendo pintadas, as marcas da umidade transpareciam. A potência da climatização concedida pelo ar-condicionado começou a apresentar problemas e por muitas vezes espetáculos se apresentavam sem a climatização desejada.

No primeiro semestre de 2022, o TAA se vê mais uma vez à frente de um fechamento de portas, por conta desta climatização. Foram adiados por anos sua restauração e sem a devida manutenção os equipamentos começaram a falhar. Alguns espaços importantes do teatro começaram a esquentar e há relatos de roubo de cabos de alguns ar-condicionados pela parte externa do prédio, fazendo com que atrasasse ainda mais a solução dos problemas. As companhias que iam se apresentar no teatro saíam de lá frustradas por conta do espaço que parecia estar abandonado e sem supervisão técnica. O público começou a se queixar do calor dentro da sala de espetáculos e do cheiro forte de mofo.

O teatro também conta com um acervo de livros, cartazes e documentos importantes. Foi pensando em uma restauração desses arquivos, para um futuro próximo, abrir uma biblioteca onde a população possa ter acesso a história do TAA. Contudo, o mau uso das instalações fez com que alguns papéis fossem perdidos e outros sem a possibilidade de restauro. A climatização desses documentos não favoreceu em nada a sua conservação, pois a sala era pequena, sem circulação de ar e não havia uma classificação desses registros. Mediante a essa situação foi designada uma equipe

de estagiários para tentar pôr em ordem, mesmo sem a devida capacitação técnica, a recuperação e organização dessas documentações, todavia, a climatização do espaço deveria se adequar também àquele espaço, o que só veio acontecer no semestre seguinte de 2022.

A diretoria do teatro fez de tudo para que os problemas fossem resolvidos sem a necessidade de encerrar as atividades por um tempo, contudo uma das alternativas mais viáveis era o fechamento da casa para resolver essa pendência estrutural. A saída foi custear algumas vezes aparelhos de climatização portáteis para tentar sanar de alguma forma esse contratempo, porém piorava a situação. E, em maio de 2022, o TAA fecha mais uma vez cercado de dilemas. Outra vez, a maior casa de espetáculo do Maranhão entraria em um período de vazio, como nos indica O Jornal O Imparcial:

Em comunicado divulgado através de uma rede social, o Teatro Arthur Azevedo informou que o espaço cultural passará por adequações do espaço e dos equipamentos usados nas apresentações. Por conta da manutenção, o Teatro Bicentenário suspendeu a realização de eventos abertos ao público por período ainda não divulgado. (site Jornal O imparcial, 2022)

Sem previsão de abertura, os únicos a contemplarem o TAA eram os funcionários que não pararam suas atividades administrativas e os alunos do projeto NAE, que continuaram suas aulas mesmo com a adversidade. As produções que já estavam no calendário do teatro precisaram ser remarçadas e, nos últimos casos, canceladas. Com a urgência da abertura da casa, alguns detalhes passaram por despercebidos e acabaram não sendo revisados com os devidos cuidados e com isso, as cortinas do palco se abriram para o público novamente, contudo, sem que estivesse com 100% da sua funcionalidade, pois o ar-condicionado volta a funcionar na plateia, mas nos camarins não, ainda se encontra da mesma forma que foi deixado quando ocorreu o fechamento da casa sem climatização.

Pensar no gerenciamento administrativo, logístico e político do Teatro Arthur Azevedo, não é apenas olhar para as questões artísticas e culturais, mas é também refletir sobre o potencial econômico que ele produz para a cidade, para os produtores, para o comércio informal e para o seu próprio gerenciamento autônomo com

independência financeira, e poder vislumbrar aquisições de equipamentos, reformas e manutenções significativas e sistemáticas sempre, sem que haja necessariamente a obrigatoriedade de fechamento do teatro por um longo período.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa pesquisa foi possível cogitar que o Teatro Arthur Azevedo, passou por poucas reformas de grande escala no decorrer dos seus 205 anos, o que ocasionou o fechamento da casa por longos períodos.

Mesmo com a troca do domínio privado para o poder público, o teatro ainda assim continuou apresentando problemas logísticos, afetando assim o funcionamento periódico das suas programações abertas ao público. Percebe-se que o teatro, apesar de constantes mudanças na gestão administrativa, não apresentou melhorias gradativas, pelo contrário, ao término de cada direção nota-se a ausência de planejamento para prevenção patrimonial. Os reparos constantes sob supervisão são essenciais para manter a ordem, seja nas instalações elétricas, climatização, móveis, palco, maquinário, iluminação, limpeza preventiva, todas estas ações são indispensáveis para evitar que o teatro suspenda suas atividades. Somado a isto, uma boa gestão competente e capacitada, evitaria prejuízos para a comunidade artística, para a economia do estado, incluindo os vendedores informais que trabalham nos arredores do teatro, assim como para visitantes e entusiastas da cultura local. O teatro conta com um maquinário completo para apresentações, a iluminação, sistema de som e uma oficina ao lado do palco com vários equipamentos essenciais para um bom espetáculo e na maioria das vezes sem a necessidade de trazer equipamentos externos, por isso o TAA é sempre buscado por produtoras de eventos.

Ao decorrer da pesquisa constatei que não há muitas referências bibliográficas que enfatizem a história do Teatro Arthur Azevedo, o pouco que se tem não é aprofundado, há muitas lacunas, e o que se tem no acervo de livros do teatro, a poeira, os cupins, o mofo estão se encarregando de destruir, pois não há uma política de conservação da memória da nossa história – a história do Teatro Arthur Azevedo. No TAA houve reformas significativas que o marcaram, levando mais modernidade e

aconchego para o espaço, porém por falta de vistorias sistemáticas algumas dessas melhorias não se mantiveram, apresentando problemas persistentes, tal como o ar-condicionado que atualmente está em situação precária, ocasionando inclusive, uma pausa em suas atividades no começo do ano de 2022, depois de muitas reclamações sobre refrigeração por parte dos artistas e do público. Por fim, percebi que os principais motivos para tantas interrupções da maior casa de espetáculos do Maranhão, se dá pela falta de projetos de preservação, não somente da estrutura, mas também de todo o acervo que compõe a sua história.

Ressalta-se que por mais que o estado envie recursos financeiros para o TAA, ele por si só, gera renda a partir de pautas e bilheterias, sendo mais um motivo para que suas manutenções não passem despercebidas.

Entende-se que o teatro se torna uma casa para todos, para quem o visita, para o artista que faz com que a visita permaneça e volte, e para quem zela e faz com que a visita e o artista, nunca deixem de (r)existir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBEVILLE, Claude. **História das Missões dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e Terras Circunvizinhas**. São Paulo: Edusp, 1975, p. 57-58.

al

CARDOSO, Alírio. **A conquista do Maranhão e as disputas atlânticas na geopolítica da União Ibérica (1596-1626)**. Revista Brasileira de História, vol. 31, nº 61.[S.I.]: 2011, p.18-19.

CASTRO, Lúcia. **Que ilha Bela!: São Luís, o tempo reconstrói a tua História**. São Luís: Ed.360º, 2013

FERREIRA, Carlos Eduardo, **Teatro São Luiz: entretenimentos e sociabilidades na capital da província do Maranhão na segunda metade do século XIX**, 2018.

Disponível

em:

<<https://rosario.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/2185/1/CarlosFerreira.pdf>>.

Acesso em: 15 nov. 2022.

JANSEN, José. **Teatro no Maranhão**. Rio de Janeiro: Grafica Olympia editora, 1974.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. São Luís do Maranhão, **Corpo e Alma. 2ª edição ampliada** / Maria de Lourdes Lauande Lacroix. São Luís: Edição da autora, 2020. Vol I. Edição em recurso digital.

LEITE, Aldo de Jesus Muniz. **Memória do Teatro Maranhense**. São Luís: EDFUNC, 2007

MARQUES, César Augusto. **Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão**. São Luís: Typografia Frias, 1870.

MATOS, Marcos Fábio Belo. ... **E o cinema invadiu a Athenas: a história do cinema ambulante em São Luís (1898-1909)**. São Luís: Livraria e Editoras UNISAOLUIS, 2002.

VIVEIROS, Jerônimo de. **História do Comércio do Maranhão**. São Luís: Associação Comercial do Maranhão, 1964.

Arquivo Biblioteca Pública Benedito Leite. Manuscrito 503 - Nomeacao do Doutor Frederico Jose Correa, para o lugar de inspetor do Teatro Nacional de Sao Luís. Autor: Eduardo Olimpio Machado Local: Maranhao Data: 21/09/1854. Disponível em:

<http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20151104144017.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022.

JORNAIS

G1. **Teatro Arthur Azevedo suspende espetáculos por conta do coronavírus.** São Luís, 17 mar, 20. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2020/03/17/teatro-arthur-azevedo-suspende-espetaculos-por-conta-do-coronavirus.ghtml>

O IMPARCIAL, **Teatro Arthur Azevedo suspende eventos para serviço de manutenção.** São Luís, 4 mai, 2022. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/noticias/2022/05/teatro-arthur-azevedo-suspende-eventos-para-servico-de-manutencao/#Teatro%20Arthur%20Azevedo>>. Acesso em: 25 nov. 2022

PUBLICADOR MARANHENSE, São Luís. n.20. 18 jul, 1854. p.4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=720089&pagfis=6053&url=http://memoria.bn.br/docreader#>>. Acesso em: 28 nov. 2022.